

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.ª andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; Africa Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

AVANÇADO

PREÇO 80 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2421

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SEXTA FEIRA, 22 DE OUTUBRO DE 1926

Os rigores do inverno sem pão nem trabalho

Chegarão os maus dias para o operariado. Aquele sol ridículo e constante que nos deliciou quasi seis meses seguidos despediu-se e decerto não voltará este ano a sorrir-nos, senão no estreito intervalo das nuvens ameaçadoras de tempestade.

Chegarão os rigores do inverno. Já o dia de ontem foi causa de angústia para muita gente pobre. Os ricos apenas tiveram a maçada de sacar do fundo das malas os seus abafos, as boas gabardines, as capas de borraça, as galochas confortáveis, todos os apetrechos, emfim, que tornam as intempéries quasi desejadas. Os bons automóveis fechados, quentes, servidos de boas molas, entraram ontem numa actividade mais intensa, conduzindo os seus anafados proprietários. Pelos abastados, a chuva foi saudada quasi com alegria. Pelos pobres, pelos pífios, foi recebida com amargura senão com ódio. Quantas tragédias aqueles aguaceiros impertinentes não teriam ressuscitado!

Abafos que estavam empenhados, exigiram sacrifícios de seus donos para reaparecer. Os cobertores que haviam sido convertidos em pão, começam a fazer falta no leito das crianças, que choram de frio e de fome, que aperta mais quando refresca o tempo.

E por esse país uma legião enorme de operários sem trabalho, preparados para vegetar entre mil angústias por esses gélidos meses de inverno.

Nos bairros pobres a casaria mal segura, começa a gemer e a ameaçar ruína, sob as lufadas mais fortes do vento agreste.

Casas periclitantes que suportaram as amenidades do estio talvez não agüentem as tempestades do inverno cruel e indiferente às misérias dos pobres diabos. E quem as habita vive num sobresalto constante, não sabendo se acordará soterrado ou se nem mesmo chegará a acordar.

Durante o bom tempo, que foi longo, talvez mais amigo dos homens do que os próprios homens, ninguém pensou nos grandes problemas económicos que se agravariam extraordinariamente logo que o mau tempo chegasse. Não houve para resolver a crise de trabalho, causa de tanta miséria, uma única medida eficaz. Deixou-se o proletariado na situação difícil de ter de resolver, de braços cruzados, o problema da sua fome.

Oxalá o mau tempo que chega, agravando em demasia as horrorosas condições de vida do trabalhador, não seja motivo para maiores e inesperadas tempestades.

PANORAMAS

O recurso contemporâneo

As maravilhas do século, deste século de incomensurável lucidez e de excessiva inteligência, deslumbram os espíritos, alucina os cérebros, refinam as sensibilidade. As amarguras e as alegrias dos cidadãos de Roma, dominadora sob a égide dos Césares, tornam-se frívolas e inconsequentes na nossa época de tantas iniciativas e de tantas realizações.

Brutos não teria a menor necessidade homicida de libertar um povo de prolongados pesadelos—ser-lhe-ia bastante fazer-se o comandante de um soberbo transoceânico, Roma, a bordo dum Mauritanica, deslocar-se em massa, como em exodo, fugindo sem precipitação à cólera do César. E o César seria destronado sem imposição quando os seus inimigos políticos e pessoais andassem visitando os países tranquilos de momento ou singrando os oceanos eternamente calmos.

Agora, o Corinthia, que nos referem ser um formidável paquete, desloca-se dos portos nórdicos, em viagem de recreio ao redor do mundo, levando a bordo quatrocentos turistas caricatos e buliçosos que trazem como elementos de investigação cultural um kodak e um Baedeker. Como se vissem numa cidade, aos turistas nada faltará: luxuosos aposentos, cozinha caprichosa, higiene, conforto, comodidade.

Cada turista leva uma ração de 150 quilogramas de toucinho, 35 de café, 52 de fiambre, 137 de açúcar, 562 de carne, 262 de peixe fresco, 30 de tabaco e mais 62 ovos, 22 galinhas, 10 garrafas de whisky, 87 garrafas de águas minerais, 1.500 cigarros, tudo isto enquanto visitam 21 países de todos os continentes.

Nisto se resume, afinal, a solução do problema da liberdade que tanto atribula, diversamente, os poderosos e os frágeis deste século de gigantes empresas e mesquinhos interesses. Os cidadãos, ou súbditos, ou oprimidos, ou insubmissos, russos, balcânicos, italianos, turcos, espanhóis, portugueses, chineses, tantos outros, bem podem usar o recurso das excursões através de oceanos, sem pôr pé em terra, esperando sobre os mares bonançosos que se desfaça a tormenta nos continentes...

DAVID

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulada *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodríguez Aragón. — Preço, 5\$0. — Pedidos à administração de A Batalha.

Em Ferreira do Alentejo vende-se óleo por azeite e a carne subiu 50%

FERREIRA DO ALENTEJO, 20. — Também aqui o agravamento da carestia da vida se tornou sensível. O azeite que foi tabelado em 6\$50 desapareceu, como por encanto. Só numa ou duas casas comerciais se vende um óleo impróprio para consumo a que deram clinicamente o nome de azeite.

Para dar uma ideia do agravamento da custa da vida citaremos a marcha ascendente de alguns géneros: a carne de porco, que se vendia a 5\$00, custa já 8\$00, cada quilo, e o carneiro pulou de 4\$00 para 6\$00, repentinamente, e o azeite que estava a 5\$50 vende-se duma maneira clandestina a 8\$00.

Os salários dos rurais continuam sendo irrisórios: mediam entre 6 e 7 escudos, quando têm trabalho, o que agora acontece. E os trabalhadores em vez de se associarem, permanecem atacados do mais depravado dos indiferentismos...

OS ENVENENADORES DO POVO

O triunfo da campanha de A BATALHA contra os crimes dos moageiros reconhecido por alguns jornais e pelo congresso dos operários da indústria de panificação

As campanhas de A Batalha encontram sempre eco na opinião pública. É uma questão de tempo. E saber esperar ainda é uma grande virtude.

Há cerca de um mês agitados nas colunas do nosso jornal o gravíssimo problema do fabrico do pão, trazendo ao conhecimento dos leitores verdadeiras monstruosidades que só por si, num país civilizado, levariam os governos a meter na ordem os envenenadores do povo.

Dissemos nessa altura, sem atavismos literários, que o pão era fabricado em verdadeiras pocilgas sem ar nem luz, com instrumentos que há muito careciam de substituição. Provamos que na indústria de panificação não há higiene, que os operários dormem em infectos dormitórios onde se exala um fetido de sujidade e de imundície e que no exercício da sua profissão os manipuladores de pão expectoram no solo, irradiando desse gesto bastantes inconvenientes para a saúde dos que ali trabalham e graves perigos para o público que tem que comer todos os resíduos de farinha espalhados pelo solo.

Salientámos também que as amassadeiras estão podres, acumulando milhares de micróbios que vão misturar-se no pão que todos nós comemos.

E reclamámos para isto uma grande picareta, como medida de higiene pública, como única profilaxia para um grande mal.

Durante dias um silêncio pesado envolveu as nossas revelações. Nem uma única medida, nem uma leve resolução. E se alguma medida houve foi a da Companhia Nacional de Alimentação determinar que os dormitórios das padarias só poderiam ser lavados uma vez por mês. Como o leitor nota, a única medida foi uma provocação ao público, a esse público que tem enriquecido os insaciáveis moageiros.

Depois desse silêncio veio o aplauso dos nossos camaradas manipuladores de pão, exteriorizado no congresso de indústria que acaba de encerrar os seus trabalhos. Aqueles trabalhadores, com um desasombro que revela uma grande coragem, proclamaram na reunião magna referida data a verdade do que existe na indústria de panificação. E essas revelações vieram apenas confirmar tudo quanto um mês antes tínhamos afirmado.

Na indústria de panificação, que pela sua delicada função deveria ser uma indústria com todos os requisitos de higiene, não há a mais leve noção do que seja o asseio.

A indústria é rudimentar, tendo ainda em exercício os velhos processos de manufatura. As dependências que servem de padarias não possuem condições: são acanhadas, não têm ventilação e não reinem sequer aquela elementar higiene que se exige até para uma indústria alheia produtos alimentares.

Tudo isto foi afirmado no Congresso dos Operários do Ramo de Alimentação há poucas horas.

E tudo isto foi aproveitado por alguns jornais para combater o sindicato moageiro, tornando-o responsável do crime sem nome que é o de fabricar pão em tão terríveis condições.

Ora tudo isto, muito antes do congresso, foi revelado por nós.

Nós acusámos a Companhia Nacional de Alimentação de autora desta monstruosidade. Mas também acusámos os industriais de padaria do mesmo crime. Porque, afinal, tão criminosos são uns como os outros.

Os estabelecimentos da C. N. A. são péssimos. Mas os estabelecimentos independentes não são melhores, havendo alguns—admita-se o grau de comparação—muito... péssimos.

Logo o combate a essa monstruosidade deve visar também aqueles industriais que se acobertam sob as azas protectoras do órgão das falcatruas económicas. Sem ele é praticar obra pária.

* * *

Mas não são apenas os industriais de panificação os únicos culpados do envenenamento do povo. Os industriais refinadores de açúcares têm iguais responsabilidades.

Também no devido tempo referimos as condições em que é refinado o açúcar, condições verdadeiramente péssimas e que trazem para o público uma série de inconvenientes.

Os industriais refinadores com as suas exigências da marosca, que é a ligação do açúcar com todas as impurezas ao açúcar já limpo, vão também envenenando o público, porque o obrigam a comer vidros, ratos, ossas e uma infinidade de detritos.

Mas destas ninharias não curou o órgão das falcatruas económicas, porque—quem sabe?—talvez algum dos industriais criminosos o oriente.

Mas curamos nós, porque estamos aqui para defender os interesses do povo, como alguns jornais o vão reconhecendo e como o Congresso dos Operários do Ramo de Alimentação o proclamou.

NEGÓCIOS SÃO NEGÓCIOS...

Como enriquecerem vertiginosamente os directores da Companhia de Fiação e Tecidos de Alcobaca

O consumidor paga por alto preço os produtos manufacturados por operários que ganham baixos salários

A Companhia de Fiação e Tecidos de Alcobaca realiza fabulosos lucros, ao mesmo tempo que esbulha o consumidor exigendo o preço dos produtos e reduzindo os operários às maiores privações pagando-lhes salários insignificantes. O desaforo chega ao ponto de se furta ao pagamento do que o Estado lhe tributa, facto de somenos importância, mas fortemente expressivo.

1100 operários, especialmente as mulheres, tão mal retribuídos, são ferozmente perseguidos até por um simples bocado de linha. Entretanto, ocultam-se os grandes roubos cometidos por pessoas de respeito; o escândalo, porém, abafa-se, por questões de hierarquia, e passa-se ao disfarce dos quantos lucros, como se fez com uma emissão de 12.000 acções que foram oferecidas a acionistas e não acionistas.

Em 1920, o capital da fábrica, que era de 30 contos, deu de lucros 344 contos, como consta do relatório, porque mais e muito mais se tem dado por fora. Neste ano ainda a gerência figurava com a modesta quantia de 40 contos de retribuição e mais 30% para dividendo, tendo o restante diversas aplicações sob diversos títulos. Em 1921, com o mesmo capital, figurava no relatório o lucro de 1.216.967\$43, acomodando-se a gerência com a insignificante quantia de 201.575\$54 de retribuição, sendo o restante aplicado em diversas coisas e com várias rubricas entre as quais figurava a de «compensações a pagar» com 150 contos. Como dividendo figurava no relatório 30%, mas por fora deram-se mais 70%.

Pode-se chamar a isto ganhar? Nós diremos que é roubo, porque este lucro não só saiu do suor do pobre operário, ridiculamente pago, como do sacrifício do consumidor. Como os números indicam, a situação dos directores da fábrica, alguns dos quais nunca sonharam ver tanto dinheiro, tornou-se algo embaraçada porque não sabiam o destino que deviam dar aos tais lucros e mais embaraçados se viram quando o senador sr. Pereira Osório protestou no Parlamento contra estes escandalosos lucros.

Por artes mágicas, pois isto tudo é uma magia, o dr. Pereira Osório, calou-se ante explicações que lhe foi dar a Lisboa um dos directores do *burgo* os lucros (visíveis) 845.945\$71. A remuneração aos felizardos 120.340\$71 e o dividendo os mesmos 30% (aqui é que está o grosso escândalo) pois onde se vê 843 contos deve estar escudos 2.043.945\$71 visto que foi daqui que se fez a emissão de 1200 acções que se distribuíram a acionistas e não acionistas!

Foi assim que em 1923 nos aparece um relatório em que figura o capital de 1.500.000\$ divididos em acções de 100\$00 que, diz o referido relatório, terem sido cobertas proporcionalmente pelos acionistas quando o

não foram e ainda para maior escândalo appare-nos no já referido ano os lucros visíveis de 868.685\$12, a retribuição à gerência etc. 238.975\$09, o dividendo de 20% que quer dizer 100% ao capital desembolsado, porque afinal continua a ser os esc. 300.000\$00!

E por este facto se verifica que no ano de 1924 os lucros que figuram são 482.863\$00, ao passo que a despesa com a gerência etc. aumenta para 310.856\$08.

Visto que aumentou o capital, diminuíram os lucros mas a despesa da gerência sempre cresce... Em 1925 os lucros são pelo que diz o relatório 527.041\$08 e a despesa com a gerência eleva-se a 343.680\$32. O dividendo os clássicos 20% que equivale a 100%, uma vez que, embora figurarem 1.500.000\$ o capital é de 300.000\$00.

Se a justiça não fosse um atributo de classe privilegiada, onde seria o lugar dos directores da Companhia que gananciosamente burlam o consumidor e encobrem os escandalosos lucros para que nem um centavo lhes fuja das mãos?—R. C.

A crise na Indústria de Lanifícios

Encontra-se em Lisboa um delegado da Associação da Classe dos Operários da Indústria Têxtil da Covilhã que veio conferenciar com o ministro das Finanças

A crise de trabalho na indústria de lanifícios está assumindo aspectos de catástrofe. São milhares de trabalhadores que se encontram sem trabalho, são centenas de famílias que não têm que comer.

Em virtude desta grave situação, a Associação de Classe dos Operários da Indústria Têxtil da Covilhã enviou há dias a Lisboa o nosso camarada António Lopes Jorge como seu delegado a fim de conferenciar com o ministro das Finanças.

O delegado operário expôs ao general Sinel de Cordes a situação em que se encontram 35.000 operários que são quantos tem a indústria, reclamando para eles a atenção do governo visto a indústria de que fazem parte atravessar uma situação bastante crítica.

Uma das causas dessa crise é a falta de protecção pautal o que determinou a paralisação de quasi toda a indústria.

E' no sentido das pautas serem modificadas, de modo a proteger a industria, assegurando o trabalho ao operariado, que a Associação Têxtil da Covilhã reclamou do ministro das Finanças prometendo este interessar-se pelo assunto.

Leiam o Suplemento de A BATALHA

O INCENDIO NO PORTO

Seis vidas sacrificadas barbaramente a uma propriedade condenada

Após as lágrimas hipócritas pelos mortos, o silêncio cúmplice para com as responsabilidades de um inspector

PORTO, 19. — Afixados pelas paredes appareceram uns cartazes condenando o estranho silêncio da imprensa ante as culpabilidades atribuídas ao inspector dos incêndios sobre a morte dos seis inditos bombeiros.

E', de facto, muito literariamente interessante dizer-se que as seis «vítimas do dever», que «nobrememente morreram no seu posto», tiveram um lindo, um imponentissimo enterro, onde compareceu toda a sumptuosa farfallice oficial a prestar as suas derradeiras homenagens. E' realmente muito emocionante saber-se que o povo do Porto e arredores coalhou por completo as ruas por onde passou o cortejo fúnebre, dando com a sua compacta assistência, com o reboliço da sua curiosidade atropelante, um chunho de maior saúde chorosa pelos seis mártires duma incúria desgraçada.

Mas se é sentimentalmente decorativo exagerar-se nas tintas pondo-se em todos os olhos da vastíssima multidão ondulante, copiosas lágrimas—«só se viam lágrimas!» escreveu-se—, embora vissemos muitíssima gente, quasi toda a gente, a olhar para o enterro por um simples impulso de gentílica curiosidade, como quem olha para uma antiga procissão da Paixão—é não seria também emotivamente certo que a imprensa devia reflectir nas suas colunas o pensamento popular, a opinião pública, acerca das responsabilidades do desastre da Boavista?

Há um jornal desta cidade que tem sempre uma forma mística, excessivamente fanatizante, de descrever scenas sinistras. Dando largas a essa forma jesuitica, com o fim de especular com o espirito supersticioso do povo mais ignorante, traçou na sua reportagem do funeral das vítimas este bocadinho curioso:—«Dum dos caixões—não se sabe qual—jorrava sangue. A nova espalhou-se. A multidão benzia-se, timorata e supersticiosa. Dizia-se—Aquele alminha pede missas!».

Em vez de tão descaradamente se afirmar que a multidão se benzia timorata e supersticiosa, quando ela, comprimida, mal se podia agüentar nos empunchos próprios das avalanches populares desordenadas, melhor seria que dissesse, com mais propriedade, que aquela alminha não pede missas, mas clama vingança, justiça, porque se não fosse, como se continua a dizer à puridade, as asneiras de um comando valioso, essa alminha, aquelas alminhas, escusavam-se já carbonizadas, trunçadas sangrentas, naquelles tristes esquifes. Não se presenciava o espectáculo impo-nente, magistoso de um lindo enterro, mas estavam seis vidas poupadas a um trágico martírio inglório...

E' por isso que principiam a apparecer afixados pelas paredes cartazes contra o inspector dos incêndios, a quem continuam a atribuir as responsabilidades do desastre, e contra o sintomático silêncio da imprensa. E' que para muita gente não bastam as *gerbes*, os *bouquets*, as representações particulares e officiais, os artigos laudatórios e as cem mil pessoas que prestaram homenagem aos infelizes bombeiros. E' indispensável também saber-se como foi aquilo...

O reporter X escreveu em *O Primeiro de Janeiro*: «Compreende-se que um bombeiro arrisque a vida arrancando outra vida aos tentáculos de um incêndio. Mas que morram seis homens para salvarem apenas uma parede já arruinada—não! E' pior que um suicídio! E' um acto de loucura!».

Eis precisamente o que se deu—e eis precisamente o que se diz:—«O palacete estava isolado—não havia o perigo do incêndio comunicar-se a outros prédios. A água jámal aparecia em sufficiência, merecia da bella companhia fornecedora que possuímos, fôrrecçador, bem entendido, daquilo que é nosso—logo, portanto, o maldito palacete estava irremediavelmente condenado a arder até ao fim. Que necessidade imperiosa havia, pois, de mandar encafiar numa roteira em chamas aqueles homens, quando colegas seus de outras corporações, as voluntárias, abandonavam o interior do inferno devido a ter melhores comandantes que melhormente também zelam e vigiam pelas suas vidas? Para salvar uma parede que tinha forçosamente de deiruir? E em reforço destas perguntas, fazem-se ainda estas: Não será verdade que ao inspector fôrão, antes das vítimas se precipitarem no vulcão, feitas sérias objecções sobre o estado de ruína em que estavam as paredes—tudo aquilo? Não será verdade que o citado inspector, respondendo torto, por capricho mandou os seus subordinados a cumprirmos as suas ordens, metendo-se na bocarra da morte?».

A Câmara nomeou já uma comissão de inquérito. Mas, como sempre, é muito natural que acabe por concordar que tudo quanto se diz do sr. Vitor Hugo é uma refinada mentira. Ele defendeu, cuidadosamente, competentemente, a preciosa vida dos bombeiros. Eles é que, voluntariamente, quiseram ir morrer no salvamento de uma parede arruinada...

Por isso tiveram um lindo, um impotente enterro. Por isso lá ficaram no cemitério, outra vez soterrados entre *gerbes*, *bouquets* e terra...

E tudo voltará à mesma, que é como quem diz, ao esquecimento—até novo cataclismo...

A IGREJA NA BERLINDA

Uma procissão que vai realizar-se em Cacilhas é um prenúncio que os liberais devem atender

Segundo informações que temos por seguras a reacção clerical promotora da annunciada procissão em Cacilhas, ficou louca de contentamento ao ter conhecimento que tanto a classe operária de Cacilhas e Almada como a própria Batalha, estavam tratando do assunto, e contra elle protestava a primeira, e se manifestava a segunda, sinal evidente, dizem, que a sua obra os atemorizava e a sua expansão os preocupava.

Mas, repare a igreja e notem os clericais aspirantes a jesuitas e praticantes a inquisidores, que aqui ninguém a combateu; apenas nos manifestámos sobre o perigo que corriam as liberdades públicas à custa de caudais de sangue conquistadas, com o desenvolvimento que a sua acção estava tendo; desenvolvimento, que o de senhores e continua a ameaçar o grande baluarte da liberdade que é Lisboa, o que nos impedirá dentro em pouco de gritar:

Não fazem ninho os milhafres
Na caverna dos Leões

pois que além deles já se abeiraram da própria caverna, o seu avanço está no sentido inverso do avanço do Progresso.

Deus, ao contrário daquilo que lógico era que fosse, está tanto mais perto de nós, quanto mais distantes nós estamos da liberdade, da emancipação e do despedaçar das algemas capitalistas que nos manietam e tolhem. Em todas as nações da Europa em que a igreja se impõe e impõe o seu Deus, aos humildes, aos que descreem e aos que pensam, como succede na Espanha, na Itália e até na própria França, a liberdade é um objecto de uso particular, que só serve para o padre, para o jesuita, para o explorador e para o patronato, e isto porque Deus está tanto mais próximo do povo, quanto mais próxima está a faculdade de o deportarem, de o encarcerarem e até em certos casos de o liquidarem.

E' certo que a realização dum acto religioso fora do templo e com a magestade e imponência que a igreja lhe imprime, numa ocasião em que as mais graves preocupações assolam a familia operária portuguesa, como a grave crise de trabalho que dia a dia se agrava; a terrível carestia da vida, longe de ser um cortejo é uma provocação, uma insolência e um desafio, a paciência, à resignação e ao sofrimento das multidões; mas ainda nem mesmo assim ousariamos protestar contra elle, e não porque nada mais natural que a religião como boa discipula dos sublimes princípios da igreja, ao constatar a exploração do homem pelo homem que livremente af se exerce; os bandos de crianças raquíticas que infestam as ruas da cidade, esmolando o negro pão de cada dia que os seus pais jámalas lhe podem grangear; os cardumes das nossas pobres companheiras estiolando-se num trabalho violento e brutal, numa luta titânica com o impossível, se impuzes-

se aos ricos, aos detentores de todas as riquezas sociais e lhes gritasse como S. Mateus: «Se queres ser digno de mim, vai, vende o que tens e dá aos pobres».

Rico só da graça de Deus. Ninguém consegue agradar a dois senhores: a Deus e ao dinheiro, pois em boa verdade vou digo, que é mais fácil entrar um camelo pelo fundo duma agulha, que entrar um rico no reino dos céus; e então, assistiríamos a este espectáculo novo e impo-nente: os ricos, aqueles que não têm um metro de riscado para cobrir as suas carnes dos desgraçados que deles se abeiram, mas têm metros e metros de seda para confeccionar uma opa; o avarento que não tem um pão para mitigar a fome ao misero, mas tem uma vela para queimar nas ruas e o ignorante ou o explorador que não tendo um avo para dar a um pedinte ou uns centavos para aumentar o salário do pária que explora, tem escudos para lançar na bandeja do senhor ou em prol da ideia que julga defender, de tudo se despoja e de tudo se desfaz, pois são católicos.

Então até nós seríamos católicos, como de resto já somos discípulos daqueles príncipes que revoltados com as desigualdades que manchavam a civilização do seu tempo, diziam como S. Basílio ou então como S. Jerónimo: «A opulência é sempre o produto do roubo, se não o cometeu o proprietário actual, cometeram-no os seus antepassados» e a igreja seria digna do respeito e admiração de todos nós.

Assim orgulha-se ela da nossa campanha e dos protestos dos liberais mas porque fiada na sua acção, espera vencer, realizar o acto religioso, para depois alardear a sua força e não como se diz, porque a campanha-lhe sirva. Campanhas desta ordem e quando ela não pode conduzir até ao porto, ou ao tribunal do Santo Offício ou ao cutelo do carrasco, aquele que ousou levantá-la, desdenhar das suas preces, contrariar as suas doutrinas, não acredita que lhe convenham. Não, ela pode continuar a mentir; a impingir água suja do Zezere por milagrosa de Fátima; ou ter por milagres aquilo que nós temos por sugestão, que nem assim mente de gosto. E não, porque já agora a realização da procissão não é um acto sincero, como não é um acto que convença o povo de Cacilhas, o povo de Almada ou o povo de Lisboa, quando muito será mais uma paródia e pretexto para ingerir mais uns copos de vinho em Cacilhas e lançar o grito de alarme em Lisboa.

P. E.

Gregos e troianos

ATENAS, 21.—Deu-se um grave conflito entre os comunistas e as tropas, causando alguns mortos e feridos.—(H.).

TEATRO SALÃO FOZ
Matinées 3 h. Soirée às 8,45 h.
ESTREIA de ilustre atriz-cantora
Jalziza de Sousa
Últimos espectáculos em que tomou parte:
PITUSILLA
notável estréia do «couplet»
ARTELLI
o tenor de hienro
GUITART
diploma soprano dramática
Concerta pela F.O.Z. MELODY BAND
NO ECRAN—O soberbo «film» ELA

TEATRO AVENIDA
Telef. 4.356
HOJE—Inauguração da época de inverno
com a «reprise» do sensacional
Pão de Ló
Nos primicias papeis:
L. SATANELA
E. AMARANTE

TIVOLI
Telef. 5.474
Às 21 horas

TAMARA
(A fuztura de um Príncipe Russo)
Alta comédia. Emocionante enredo. Inter-
pretes principais: Allan Dringie e John
O'Herli (o novo Rudolph Valentino)

Queira desculpar
Graciosa comédia com Norma Shearer
e Conrad Nagel

Embrulhada conjugal
Engraçada cine-farsa

Revista de actualidades

TEATRO DA TRINDADE — Telef. 976 T.

HOJE
GRANDIOSO ESPECTACULO
DA COMPANHIA

LUCILIA SIMÕES-ERICO BRAGA
A interessantíssima peça

A EXILADA
Notável desempenho de Lucília Simões,
Erico Braga, Dinah Stichini, Joaquim
Almada, Samuel Diniz, Mario Santos,
Seixas Pereira, etc.

Nos intervalos, em concerto, a grande pianista
francesa Ivone Lambert, 1.º premio do
Conservatório de Paris

Preços iguais aos da temporada anterior
O mais barato espectáculo de Portugal

O que resolveu ontem
a Câmara Municipal

«Considerando que a permanência dos
automóveis do Estado debaixo das arcadas
da Praça do Comércio, não só dificulta o
trânsito de peões por aquela local, mas
ainda suja o pavimento com os óleos
que caem dos motores, o que provoca um
mau aspecto para quem por ali passa, a
edilidade houve por bem solicitar a
Presidência do ministério solicitando as ne-
cessárias instruções aos «chauffeurs» a fim de
que de futuro eles permançam com os carros
junto das valetas dos passeios.

—Tendo-se verificado que a escadaria,
cortinas e Alto de Santo Amaro pertencem
à Junta da Freguesia de Alcântara e sendo
esse ponto um dos mais interessantes de
Lisboa, não somente pelo belo panorama
que se goza desse ponto elevado mas ainda
pela curiosa capela seiscentista com os seus
preciosos azulejos policromos, e sendo
facto que essa escadaria com as suas cor-
tinas e o alto da capela se encontram há
muito tempo no mais completo abandono,
certamente por não ter a dita Junta verba
para fazer as devidas reparações, a ver-
gação resolveu procurar um entendimento
com a Junta da freguesia de Alcântara a fim
de se fazer a municipalização do alto da
referida capela de Santo Amaro bem como
da escadaria que a ela conduz.

—Nomeou-se a seguinte comissão de
técnicos com o encargo de elaborar um
plano geral de melhoramentos na cidade:
Presidente, Henrique Quirino da Fonseca,
vogal da 3.ª Repartição; Vogais: arquitecto
José Luis Monteiro; engenheiro Augusto
Vieira da Silva; artista pintor Luciano Mar-
tins Freire; arqueólogo Gustavo de Matos
Sequeira; engenheiro agrónomo Joaquim
Rasteiro; médico higienista dr. Silva Car-
valho.

—Foi proibida a circulação de veículos
na rua dos Poiais de São Bento, do nas-
cente ao poente.

—Resolveu solicitar do ministro do Co-
mércio que ordene as providências ne-
cessárias para a canalização de abastecimento
de água ser prolongada desde o Campo
Grande até ao fim da Avenida Alferes Ma-
lheiro, pelo menos, a fim da população do
Pote de Água ser convenientemente abas-
tecida.

Morte misteriosa

Deu entrada na morgue Manuel Pires, 30
anos, serralleiro, residente no pátio das
Canas, leitaria B, à Azinhaga da Torrinha,
que, na mesma azinhaga, foi ferido com um
tiro no peito em casa do seu irmão, que se
encontra preso como suspeito de ter sido o
autor da morte.

«A Batalha» vende-se em todas
as tabacarias

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo,
por Campos Lima, 3500.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por
Mário Domingues, 6500.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais
indígenas), por Manuel Kopke, 6500.
A venda nas livrarias e na administração
de A Batalha.
Depósito: «Livraria Renascença»,
rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Suplemento semanal ilustrado
de «A Batalha»

1.º contra-se já à venda o primeiro ano
deste interessante semanário, devidamente
encadernado, numa óptima capa em perca-
lina ilustrada a cores, por Alonzo, con-
tendo um indispensável índice dos variadí-
simos assuntos de ordem doutrinária, litera-
ria e artística.

O seu preço é 1 volume com 420
páginas, 45\$000.

Encadernação (por capas e índice)
20\$000.

Capas e índice em separado, 15\$000

Pedidos de colecções, ou envio destas
para encadernação, à administração de A
Batalha.

Edições de «A Sementeira»

Práticas neo-maltusianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas \$30
A peste religiosa..... \$40
A Liberdade..... \$50
A Internacional (música e letra)..... \$30

Pedidos à A BATALHA
ou no Caisdo Sodré, 82

O Sindicalismo Revolucionário e a
Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um
dos maiores oradores da Alemanha, mem-
bro da A. I. T. Folheto com 32 páginas,
com um esboço biográfico do autor. Preço
1\$000.

Pedidos à administração de A Batalha.

A Revolução Social e o Sindicalismo

Por Archinof. Preço 1\$500.

Várias notas da Lisboa triste

— * —
Ainda o caso do Lumiar

Na enfermaria de São Francisco, do hos-
pital de São José, saiu ontem com alta,
João Manuel Pereira, de 51 anos, aquele
comerciante da rua do Lumiar, 29, que, como
noticiámos, foi, no dia 12 último, agredido
com um peso de ferro, pelo guarda do
lavadouro do Lumiar.

Queda a bordo

No posto da Cruz Vermelha do Calvário,
recebeu curativo e seguiu depois para casa,
António Sequeira Mota, de 49 anos, marí-
timo, natural e residente em Cezimbra, e
que, em Alcântara, caiu de uma prancha para
bordo de uma fragata, ficando ferido na ca-
beça e contuso nas costas.

Epilogo de uma agressão

Na enfermaria de São Francisco do hos-
pital de São José, faleceu ontem José Orilo,
de 25 anos, residente em Vaza Borracha,
perto de Aldegaleta, aquele jornaleiro que,
como noticiámos, apareceu no dia 18 últi-
mo, ferido com um tiro no ouvido direito,
próximo do apanheiro de Sarrilhos Grandes.
O cadáver foi removido para a Casa Mor-
tuária do mesmo hospital, aguardando a
resolução das autoridades respectivas.

Morta pelo marido

Na Morgue deu ontem entrada o cadáver
de Carlota Correia, que no quarto de dor-
mir da sua residência, na rua da Cascalhei-
ra, 26, depois de uma alteração, de ma-
nha, com o marido, foi por este morta com
um tiro que a atingiu no peito. O agressor
foi preso e o óbito verificado pelo respec-
tivo sub-delegado de saúde.

O fim dos que trabalham

Na enfermaria de Santo António, do
Hospital de São José, faleceu ontem Ma-
nuel Ferreira Alves, de 62 anos, carroceiro,
morador no Bêco dos Toucinheiros, 18-A,
1.º, que, como noticiámos, foi no dia 6 úl-
timo colhido pela carroça de que era con-
dutor, na rua de Cima de Chelas.

Tentou suicidar-se o autor da morte

Na enfermaria de São Francisco, do Hos-
pital de São José, deu entrada, por ter ten-
tado suicidar-se na esquadra de Belem,
golpeando-se no pulso esquerdo, Albano
Guerreiro, de 17 anos, empregado
no comércio, residente na rua Renato Ba-
ptista, 1, r/c, aquele indivíduo agredido de
ter morto com um pontapé o condutor dos
eléctricos António José, cujo funeral se
realizou ontem.

Liga pró-moral

A direcção desta instituição de protecção
à infância resolveu, em sua última reunião,
prolongar o prazo de recepção de requeri-
mentos, até 10 de Novembro, devendo de
futuro esses requerimentos ser entregues
na residência do secretário, rua da Voz do
Operário, 42, 3.ª D., onde se prestam todos
os esclarecimentos.

Nessa mesma reunião foi registado o júbilo
da instituição pela brilhante conferên-
cia realizada na sua sede pelo sr. Alexan-
dre Ferreira, a quem foram transmitidos os
agradecimentos da Liga. Tomaram-se tam-
bém deliberações acerca da constituição da
comissão de festas, que deve muito bre-
vemente iniciar a sua missão no sentido
de obter receitas para a obra meritória
desta colectividade.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de edi-
tar, em folheto, o decreto 5.818, de 7 de Maio
de 1919 e respectivo regulamento publicado no
Diário do Governo de 20 de Maio sobre o ho-
rário de trabalho, sendo o seu preço avisado de 55.
Aos sindicatos que desejem adquirir quantida-
des haverá um abastecimento de 50 por cento em pa-
goes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA

FIGUEIRA DA FOZ
A Batalha vende-se nesta localidade na
barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fon-
seca, na rua da República, 127

LEDE NO NOSSO FOLHETIM

A Revolução Francesa

Uma obra admirável que todos devem ler

E' aquele o título do novo livro que A Batalha está
publicando em folhetins da colecção «Mistérios do Povo», por
Eugene Sue.

Trata-se do último livro: daquela soberba colecção, o
que tem maior intensidade de acontecimentos, onde a alma
popular preenhe de aspirações de justiça mais se evidencia
e mais nos fala dos grandes acontecimentos renovadores
que Eugene Sue soube, com a sua pena brilhante, roman-
tizar.

Os nossos leitores que não tenham acompanhado os
livros anteriores podem, sem prejuizo da obra, iniciar a
leitura, visto que cada volume trata duma época histórica
e constitui uma obra completa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse
belo e dramático acontecimento todas as suas fases emo-
tivas e embelezar todas as grandes scenas desenroladas
em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que
se bateu com energia, com audácia, com sublime e abne-
gado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e
iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da
revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra
marvel.

POR LOURENÇO MARQUES

A' MARGEM DOS ACONTECIMENTOS ORIGI- NADOS PELO CONFLITO FERROVIÁRIO

Lourenço Marques, 5 de Setembro. — Os
leitores de A Batalha devem lembrar-se
da tragédia que se desenrolou na Praça 7
de Março, originada no conflito ferroviário.

A história fez-se na devida oportunidade:
— O governo de Azevedo Coutinho, não
tendo podido, em meses de violências co-
metidas contra jornalistas e ferroviários,
vencer estes nas prisões, no desterro ou
nos «vagões fantasmas», ensaiou outros pro-
cessos, fazendo-se rodear e servir por uma
rede de sicários de que era alma e coman-
dante aquele Figueiredo Lima que mais
tarde veio a fugir, pondo as costas no se-
guro, logo que soube da chamada a Lisboa
de Vítor Hugo, o seu dono.

Figueiredo Lima, figura sinistra entre as
mais abjectas, centro de toda a espionagem
governamental por receber o santo e senha
na caverna do «Nero», não podia sair à rua,
«sinho», com o temor de que o linchassem.
Portanto, além da policia de Lisboa, arran-
jara diferentes guarda-costas, misto de bufos
e assassinos.

A greve durava havia meses. Por mais
abjectas que tivessem sido as delações, os
trabalhadores, mau grado algumas cen-
tenas dos seus camaradas estarem a ferros
em masmorras sem camas e sem assentos,
mantinham-se nobremente, fiéis à ideia que
os tinha lançado no movimento, isto é,
apenas dispostos a ceder, quando o gover-
no lhes garantisse as regalias que anterior-
mente possuíam.

As prisões nada haviam dado. Do mesmo
modo, as buscas miseráveis efectuadas em
centenas de casas, tinham falhado por
completo. Era preciso, portanto, pôr em
curso medidas de maior terror.

Os sicários deram então em mostrar as
garras de hienas, provocando ferroviários
pacíficos; e foi assim que o principal guar-
da-costas do chefe do grupo de sicários que
Azevedo Coutinho tinha a soldo, em plena
Praça 7 de Março, quando esta estava re-
pleta de passeantes, provocou e assassinou
o ex-ferroviário Raúl Ferreira, rapaz esti-
mado, trabalhador querido.

O assassino, António Lopes, preso a pe-
sar da resistência que empregou, foi agora
julgado. O seu processo teve termo no dia 3
do corrente.

De nada lhe valeu a defesa, num pasquim
imundo, do seu mandatário Figueiredo
Lima, nem as complicações dos partidá-
rios da gamela de Vítor Hugo.

Foi condenado a 22 anos de degrado
para a Costa Occidental.

Desceu o pano sobre mais esta tragédia,
mas outra se inicia agora para o facinora
que serviu de instrumento a outros que
queriam amedrontar a família ferroviária
pelo terror sangrento.

António Lopes deve hoje medir toda a
extensão da sua negra vida.

Prestou-se a ser guarda-costas de Figuei-
redo Lima e de A. Limpo de Lacerda, en-
quanto estes dois savandijas se prestavam
a ser agentes sabujos de Azevedo Coutin-
ho, Bartolomeu Severino, João R. Gomes,
A. Craveiro Lopes, Avelar Ruas, e o herói
da Exposição do Rio de Janeiro, Raúl do
Amaral; agora vai o criminoso arrastar a
grilheta em Angola, como fera à margem
da sociedade, certo de que o «Nero», o Pa-
tilhas, o da Germania, o 1001, o China Den-
dola passeiam por Lisboa, digerindo as li-
bras que souberam amalhar aqui.

E quanto ao Figueiredo e ao Lacerda—
o primeiro fugiu para as Americas, onde
arrastará a sua abjectão e a sua vilania, e o
segundo, condenado pelo tribunal desta
comarca como bigamo, delicia-se num cárcere
de Tenerife, para onde foi solicitada a
sua captura, em virtude de ter fugido de
Lourenço Marques aos rigores da justiça.

No entanto, confesse-se que António Lo-
pes não se encontrou só no tribunal.

Teve testemunhas de defesa—e que tes-
temunhas!

Companheiros de pátria, camaradas de
delação, recrutados de Figueiredo Lima.
Uma das testemunhas foi o já célebre
Belchior, ferro-velho e camaleão. Este mel-
hor também está preso. Terá que passar 3
ou 4 meses de gaiola; mas saiu dela para se
apresentar como testemunha de defesa.

Belchior não explicou o que fez ao di-
nheiro que por subscrição angariou, desti-
nado a custear um telegrama para o minis-
tério, a pedir, entre outras coisas, a desti-
tuição de Vítor Hugo; não explicou porque,
tendo ditamado, num pasquim, a esposa
dum alto funcionário, passara numa revir-
volta súbita, a lambor as botas de Azevedo
Coutinho, alistando-se na corte dos espíes
do governo; mas, com a sua voz de falsoe,
quis defender um assassino, e talvez tivesse
razões íntimas para assim proceder, porque

o farrapo que ali estava, sentado no banco
dos réus, não passava dum instrumento
grosseiro e estúpido de criminosos que and-
am à solta; era, porventura, instrumento
até do próprio Belchior.

Também depoz, defendendo, o Lopes
Manivela, a criatura mais grotesca e safada
que os anais da história de Lourenço Mar-
ques hão de registar.

«Manivela» — é assim o chamadouro do
sujeito, porque em tempos foi carroceiro
do Almoxtarifado, e, como tal, dava à man-
ivela dos travões das carroças,—tem sido
presidente dum associação de malfeitores,
vulgarmente conhecida por «Pró-Pança»; é
analfabeto e pertencia também ao grupo do
Figueiredo. Conta-se que depois das 2 ho-
ras da manhã, o «Nero» o mandava chamar,
para lhe dar ordens.

A pesar de tudo, o assassino foi con-
denado em 22 anos de degrado. O que é im-
possível é fazer reviver o desditoso Raúl
Ferreira, ou indemnizar a sua viúva pelas
lágrimas vertidas; e os maiores criminosos
ainda não prestaram contas!...

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em lingua espanhola que se
encontra à venda na nossa administração, é o
relato histórico, documentadíssimo e detalhado
das lutas originadas pela desigualdade social
que, sob formas diversas e variados sistemas,
perduram desde os primeiros séculos da civiliza-
ção.

Grav. facsímil de 48 páginas, 1933, pelo cor-
reio, registado, 1\$50.

Estão publicados os seguintes fascículos:
1.º—«La era de la esclavitud»;
2.º—«La rebelión de Espartaco»;
3.º—«Abolición de la esclavitud»;
4.º—«Abeycción y Serviludumbre»;
5.º—«La revolución de los siervos»;
6.º—«La miseria de los agricultores»;
7.º—«Transformación del Poder Feudal»;
8.º—«El comunismo cristiano»;
9.º—«Los miserables en la Edad Media»;
10.º—«La libertad ilusoria»;
11.º—«La agonia del absolutismo»;
12.º—«El trabajo motor universal»;
13.º—«El imperio de la guilhotina»;
14.º—«Las ideas sociales y la revolución fran-
cesa».

15.º—«Los primeros tiempos del salariado»;
16.º—«Hospitales, cárceles y asilos»;
17.º—«Las crueldades de la burguesia republi-
cana»;
18.º—«Los héroes de la Comuna»;
19.º—«Horribles matanzas de Comunistas»;
20.º—«La Republica Española y la classe
obrera»;
21.º—«La Primera Internacional»;
22.º—«El socialismo ante el Parlamento espa-
ñol»;
23.º—«El futuro obrerista profetizado por Cas-
telar»;
24.º—«Pi y Murgall confunde a los enemigos
del socialismo»;
25.º—«Los precursores del Proletariado mo-
derno».

OS QUE MORREM

— * —
Henrique Roldão

Ontem à noite fomos surpreendidos por
uma notícia triste e inesperada. Faleceu
no Hospital do Rêgo, pelas 19 e meia horas, o
escritor Henrique Roldão.

Novo ainda, a sua morte a todos apanhou
desprevenidos. Havia regressado há pouco
tempo de uma viagem ao Brasil, onde as
suas faculdades de escritor humorista fo-
ram muito apreciadas.

Em Portugal tinha muitos admiradores,
despertando as suas novelas e crónicas de
feição risonha o maior interesse. Era autor
de várias peças teatrais, tendo colaborado
na elaboração de revistas do ano, represen-
tações com êxito.

O seu último livro, «O Cego da Boa
Vista» é de um humorismo sadio e fácil.

Dirigia, com Leitão de Barros, o nosso
colega Domingo Ilustrado, que muito deve
à sua graça e ao seu espírito.

A perda deste escritor em plena mocidade
confrange-nos profundamente.

O extinto exercia o cargo de secretário
geral do Sindicato Profissional dos Artistas
Teatraes. Os corpos gerentes deste orga-
nismo reinem-se hoje, às 12 horas, para
deliberar sobre o funeral.

TEATROS

A noite de Lucinda Simões

Os artistas portugueses cerram fileiras
sempre que se trata de prestar uma justa
homagem a qualquer individualidade de
prestígio da sua classe. Terminam os res-
sentimentos quando fala o coração. E nada
há tão nobre, tão requintadamente belo
como marcar essa attitud. E' ver o alvore-
ço com que de todos os teatros de Lisboa,
todos sem excepção, vieram ao apelo da
comissão organizadora da recita de despe-
dida e homenagem a Lucinda Simões os ar-
tistas portugueses. Para o grande acto
«A Noite de Lucinda», a «soirée» dedicada
pelos artistas a essa insigne e gloriosa figu-
ra, regista já o programa os nomes de Ade-
lina Abrancas, Amélia Rey Colaço, Ester
Leão, Hortense Luz, Aldina de Sousa, Te-
resa Gomes, Sofia Santos, Deolinda de Ma-
cedo, Augusto Melo, Robles Monteiro,
António Gomes (da Trindade), Almeida
Cruz, Alvaro de Almeida, Samuel Denis,
Vasco Santana, Joaquim Almada e Erico
Braga.

Mais e mais nomes ilustres virão amanhã
enriquecer «A Noite de Lucinda», pois to-
dos à porfia disputam o lugar ao lado da
decana dos artistas dramáticos portugueses
que nessa noite memorável de 28 de outu-
bro pisará pela última vez um palco da sua
terra.

E' uma festa de saúde mas é uma festa
de alegria também. Nessa noite «Uma mu-
lher sem importância», a adorável peça de
Wilde, será o «cadeau» dos artistas da
companhia que Lucinda artisticamente diri-
ge. E ela própria—a eminente velhinha—
do seu público na peça em 1.
acto, de Maria Nóbrega, «A diplomacia
americana».

«A Exilada» hoje e amanhã
no Trindade

Dois monumentais espectáculos oferece
hoje e amanhã no Trindade, a brilhante
Companhia Lucilia Simões-Erico Braga,
ambos com a célebre peça dramática, forte,
violenta, emotiva, cheia de teatro, exuber-
ante de grandeza, «A Exilada», que é das
mais belas e das mais sensacionais obras
do teatro francês.

Na «A Exilada» refugiu radiosamente o
peregrino talento de Lucilia Simões no
desempenho dessa amargurada figura da
protagonista. A seu lado, no conjunto mais
notável e mais perfeito do nosso teatro e
desta magnífica Companhia salientam-se os
artistas Erico Braga, Dinah Stichini, Joa-
quim Almada, Samuel Diniz, Mario San-
tos, Seixas Pereira, etc. Nos intervalos no-
vo programa de concerto pela ilustre
pianista francesa Ivone Gilbert Lambert, que
executará Grieg, Chopin e Liz.

O «Pão de Ló» no Avenida

Reabre hoje o teatro Avenida as suas
portas, para inaugurar com a Companhia
Satanela-Amarante, a sua época de inverno,
subindo à scena o «vaudeville» «O pão de
ló».

A estreia de Jalziza de Sousa

No teatro Salão Foz estreia-se hoje a
distinta atriz-cantora Jalziza de Sousa,
que o público de Lisboa conhece e aprecia
do teatro de opereta.

Continuam em pleno successo a formida-
vel completista cômica e de fantasia Pit-
usilla, o admirável tenor Miguel Artoli—
extraordinária notabilidade artística—e a
distinta soprano Guitart Carbonell.

A «Foz Melody Band» acompanha todos
os numeros dos espectáculos que abrem
com o interessante «film» de grande me-
tagem «Ela».

No Teatro da Trindade abriu ontem a
assinalada para as 3 recitas da companhia
francesa do Ba-Ta-Clan, a estreia no dia 3
de Novembro com a revista «Oh! lá! lá!».

—A companhia Ilda Stichini-Alexandre
de Azevedo, realizez antontem no Teatro
Cine Parque da Figueira da Foz um espec-
táculo extraordinário que foi representada
com grande successo, pela primeira vez, a
peça em um acto, «Napoleão» inter-
pretada apenas por Ilda Stichini e Raúl de
Carvalho.

—A companhia Lucilia Simões-Erico
Braga, durante os espectáculos de Ba-Ta-
Clan, no Trindade, vai realizar no 1.º da
Bandeira, do Pôrto, uma série de quinze
espectáculos, estreando-se com «O Homem
das cinco horas».

—Por não concordar com a posição do
seu nome no cartaz-elenco do Apolo desli-
gou-se da Companhia Almeida Cruz a atriz
Justina de Magalhães, o que foi aceite pela
empresa. Para esta Companhia foi contra-
tada a actriz Margarida Ferreira que vai de-
sempenhar a protagonista da opereta de es-
treia, «A Princesa Manequim».

NOVIDADE LITERARIA

«A Peregrina»
— DO —
Mundo Novo»

NOVELA POR

Ferreira de Castro

A' venda nesta Administração

Esc. 6\$00

AGREMIações VARIAS

Sociedade Filarmónica União Che-
lense.—Promovido por uma comissão de
sócios, realiza-se amanhã, pelas 21 horas,
um grandioso Concerto Poético, no qual
tomam parte os melhores cultivadores da
Canção Nacional, do Grémio Literário Ama-
dores do Fado, havendo também variações
à guitarra pelo exímio guitarrista Salvador
Freire.

Associação do Registo Civil.—Para
apreciar a possibilidade da realização
de um Congresso do

MARCO POSTAL

Table with exchange rates for various locations including London, Madrid, Paris, etc.

TEATROS

Nacional.—Não há espetáculo. São Carlos.—Não há espetáculo. São Luís.—A's 21—Maravilhas (La C...

COMPANHIA CAMINHOS FERRO PORTUGUESES

MATERIAL E TRACÇÃO Serviço de Armazéns Fornecimento de 10.000 quilogramas de estanho em lingotes de 1.ª qualidade

FABRICA GOARMON & C.ª Traveira do Corpo Santo, 17 a 19

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

com fria gravidade, antes de a concluirmos permitam-nos que lhe dirija uma pergunta, que o senhor Humberto pode ouvir.

"Pinto, Cruz & Salé, Limitada"

Para os devidos efeitos se publica que, por escritura de 10 do mês findo, lavrada a fls. 72 V. do competente L.º n.º 888, das notas do Notário abaixo digo, Notário substituto da comarca, Bachelar Domingos António Cornelio da Silva, foi constituída uma sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, que gira sob a firma "Pinto, Cruz & Salé, Ltd.", da qual são sócios os srs. João Baptista da Costa Pinto, Carlos Porfírio da Cruz e António Ferreira Salé, e que há de reger-se pelo disposto nos artigos seguintes:

- 1.ª A sociedade adopta a firma "Pinto, Cruz & Salé, Limitada", tem sede nesta cidade e domicílio na Rua da Mãe d'Água, n.º 1 e 3.
- 2.ª O objecto da sociedade é a indústria e o comércio de chaparia ou qualquer outro ramo que convenha explorar, excepto o bancário.
- 3.ª A sociedade teve o seu início no dia um deste mês e durará por tempo indeterminado.
- 4.ª O capital da sociedade é de 30.000\$000, subscrito pelos socios em partes iguais e em dinheiro, que já deu entrada na caixa social.
- 5.ª Não são exigíveis prestações suplementares, mas os socios poderão fazer supimentos à caixa, mediante o juro que for combinado em assembleia geral.
- 6.ª Os balanços serão dados em 31 de Dezembro de cada ano, e deverão estar aprovados até 31 de Janeiro seguinte. No entanto poderão haver balancetes mensais.
- 7.ª Os lucros apurados, depois de retirada a percentagem legal para fundo de reserva, serão partilhados entre os socios em partes iguais, sendo na mesma proporção suportados os prejuizos.
- 8.ª A gerência fica confiada a todos os socios, e assim distribuída; ao sócio Pinto fica confiada a gerência de apropriação; ao sócio Cruz, a gerência da praça; e ao sócio Salé, a gerência da fúla.
- 9.ª A firma nunca poderá ser usada em actos ou documentos extranhos aos negocios sociais, sob pena de quele que a usar ficar responsável individualmente por todos os prejuizos que causar.
- 10.ª A cessão de cota só é permitida não querendo a sociedade ou os outros socios optar.
- 11.ª O sócio que pretender ceder a sua cota terá de avisar os outros socios, por meio de carta registada e com aviso de recepção, devendo estes responder dentro do prazo de oito dias e também por meio de carta registada com aviso de recepção se pretendem ou não optar.
- 12.ª As assembleias, sempre que a lei não exija forma especial de convocação, serão convocadas por simples avisos dirigidos aos socios, com oito dias de antecedência.
- 13.ª No caso de falecimento ou interdição de qualquer dos socios a sociedade não se dissolve, ficando os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdição com a sua cota.
- 14.ª Que no entanto se eles não quiserem continuar na sociedade receberão o que se apurar pertencer-lhes, segundo o balanço a que se proceder no prazo de um ano, devendo a cota do sócio falecido ou interdição ser adjudicada ao sócio que maior vantagem oferecer.

COMPANHIA CAMINHOS FERRO PORTUGUESES

MATERIAL E TRACÇÃO Serviço de Armazéns Fornecimento de 10.000 quilogramas de estanho em lingotes de 1.ª qualidade

FABRICA GOARMON & C.ª Traveira do Corpo Santo, 17 a 19

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

—Ninguém o ameaça, Humberto; está doido? exclama Desmarais intervirido.

UNIAO NÃO COMPREM LIMAS OU GROSAS a Empresa de Limas União Tomé Fátima, Lda

SALVADOR BARATA, L. DA Fabricantes das alviadas marca "Gaivota" e únicos depositários de "PO RODRIGUES"

Caminhos de Ferro do Estado DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE Serviço de Armazéns Gerais

ANÚNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 22 do proximo mês de Novembro pelas 13 horas, na sede da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de S. Mamede, n.º 63, Lisboa, se há de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 32.000 quilos de "oleos minerais, sendo 30.000 do tipo A, 20.000 do tipo B, 130.000 do tipo C, 30.000 do tipo D, 100.000 do tipo F, e 12.000 do tipo G.

EDITOS DE 30 DIAS

Pela Comissão Administrativa da Previdência do Ferrovário do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos do artigo 12.º e seus parágrafos dos respectivos Estatutos, a contar da última publicação deste anúncio no Diário do Governo, citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de sete mil novecentos e setenta e quatro escudos (7.974\$00), valor do auxilio, de que trata o artigo 17.º e seu parágrafo unico dos citados Estatutos, deixado pelo sócio n.º 838, Ventura Eusebio, falecido em 5 de Setembro findo e a cuja quantia se habilita Maria Perpetua, esposa do falecido, por si e por seus filhos menores Maria Ventura Perpetua, António Ventura Perpetua e Manuel Ventura Perpetua.

Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93.1.º Telefone N. 4663

Livraria de A BATALHA

Table with book titles and prices, including 'Obras de Literatura, Sciência e Ensino', 'Policlínica da Rua do Ouro', and 'Caminhos de Ferro do Estado'.

se meta aonde não é chamado, não me queira ditar o que devo fazer.



OS CRIMES DO CAPITALISMO

Onze horas de trabalhos forçados

E' este o regime imposto aos operários condenados pelos britânicos da fábrica de Cravel

PORTO, 19.—«Fizemos» mais uma visita à fábrica de Cravel, e isto por quem suposto que nós definitivamente abandonamos aquele estabelecimento fabril dos ingleses Clark & C.ª. Não esqueçamos assim facilmente aquela Babilónia de trabalho textil, onde um maquinismo, que faz trestrar um pessoal reduzido, se movimenta em vertigens nas suas engrenagens azetadas.

Deixemos a torção depois de arquivadas todas as peripécias que relatámos na nossa devida altura. Caminhando sempre à nossa direita, vamos passar por entre duas pilhas de carvão — tão negro como a alma de algumas criaturas que têm a suprema felicidade de estrabicamente dirigirem dezenas e dezenas de escravos «falecidos» no mais espantoso mutismo... Uma vez entrados na casa das máquinas, depara-se-nos enorme maquinaria: a primeira é de 600 H. P., a segunda de 400 H. P. e a terceira de 100 H. P. Esta serve unicamente para a produção da luz, que também abastece — jilovado seja Deus! — as casas dos que preponderam, dos que tiranizam, na histórica fábrica de Cravel — enquanto o pessoal traficado dá graças ao seu Altíssimo por ser iluminado com simples gotas de petróleo falsificado. Escusado será dizer que dois grandes quadros ligam a luz eléctrica para as várias secções, cada uma com as suas proezas de melodramáticas perseguições.

Na citada casa das máquinas, merecem das canseiras dos operários que ali trabalham, encontrarmos tudo no maior rigor de limpeza: os «marelos» brilham como ouro, e os «brancos» reflectem como espelhos — não como os cristais dos ingleses, não como o ouro da Companhia Clark & C.ª.

Descida uma escada, passamos pela secção dos electricistas, mais adiante pelo condensador. Esta máquina ocupava em tempos um homem. Mas como o sr. gerente resolvesse entrar em sérias economias, por causa dos desperdícios com o *Minerva*, esse perulário automóvel a que já nos referimos noutra crónica atarraxada, e por motivo ainda da rádio-telegrafia para ouvir os concertos da sua pátria *nossa amiga* — esse homem foi transferido para simples serviço de trabalhador... Os que em cima olham pelo bom funcionamento dos audios 1.100 H. P. da maquinaria em actividade, são agora da compêlida a, cumulativamente, vigiar pelo condensador...

Familhando sempre na nossa peregrinação pelas secções, vamos dar à bomba de alimentação, e atravessando uma pequena porta, enfrentamos com 4 enormes caldeiras servidas de 8 bocas de fogo. Destas 8 bocarras, só 6 é que funcionam. As outras duas estão de prevenção para efeitos de avarias. No serviço destas caldeiras estavam, antes, empregados 3 homens, cada um com o encargo de duas bocas de fogo. Como, porém, os directores da fábrica de Clark & C.ª entenderam que o pessoal deve ser reduzido ao número mais diminuto possível para executar, amargamente, o que devia ser feito pela gente necessária a que a natureza do trabalho requer aqueles três homens ficarem apenas em dois, porque a base da riqueza é a exploração humana — e sem isso, adeus automóveis e telefonia sem fios...

Assim, para aquelas seis bocas terem a nutrição indispensável para o desempenho do seu papel rubro-mecânico, têm os ditos dois operários de, durante 11 horas de serviço estúpido e contínuo, acarratar e meter-lhes 20 toneladas de carvão, porque a compleição fonal das tais bocas não faz o consumo diário por menos quantidade... O mesmo faz quem tartaricamente superintende na fábrica: contra o horário normal das oito horas, exigem que os desgraçados trabalhem, brutalmente, onze... Sejam, porém, francos: o encarregado daquele inferno das caldeiras e das bocas de fogo, J. Ferreira, não é o culpado do que se passa naquela situação diabólica.

Passando pela secção de picheleiro, forjador e oficina mecânica servida de maquinismos os mais modernos — nos quais trabalham poucos operários e de cujo mestre, o sr. Judo, nada há a dizer, por ser boa a sua índole — percorremos depois a secção de carpintaria. Nada de registo em desabono do mestre Moreira, porque igualmente não tem por que bestial.

Mas já não podemos penetrar na secção «comandada» pelo abominável Joaquim Domingues: não só pela desordem em que tudo se encontra, mas ainda porque recamos o contágio do mau espírito, do espírito ferino, de tal mestre — segundo é crença dos seus subordinados, estuadores, pintores, pedreiros e trabalhadores.

O «marechal», supremo de todas as secções enumeradas, é o engenheiro H. R. Stott. Deste «graduado», apenas há a dizer isto: vive-se não fosse o seu feito condenadamente descorres, irritantemente rústico, cuja incivilidade desatende o respeito que se deve ao nosso semelhante, principalmente aquele que, no trabalho, faz das tripas coração para o enriquecimento das Companhias como a de Clark & C.ª — seria uma criatura razoável, menos má... E' verdade que, ao que consta, outros é que o incitam ao mal, visto que a supressão de operários que se dá em Cravel é da responsabilidade de um outro poder mais alto que se eleva sobre o engenheiro Stott: o ditador-gerente J. Dow, o qual, britânicamente julgando ter o rei na barriga, procura aumentar o serviço à medida que reduz o pessoal... em benefício dos Minervas e das rádio-telefonias da empresa Craveliana...

C. V. S.

Frostky. — Constituição política da República dos Soviéticos... \$50
G. Williams. — O congresso da Internacional Sindical Vermelha... 1\$00
C. de G. O. N. M. — Proclamação consciente... 5\$00

LUTA DE CLASSES

A falência social da burguesia acusada pelas próprias estatísticas oficiais

A crise de trabalho, uma das mais desastrosas consequências do sistema capitalista, não cessa de torturar o proletariado da quasi totalidade dos países, supondo-se mesmo que nenhum país europeu esteja escapo do terrível mal económico. Nenhuma solução o capitalismo poderá oferecer à crise, pois, os interesses particulares é que, na actual sociedade, regulam a função produtora, e nunca se tem em conta as incessantes necessidades colectivas.

As estatísticas oficiais, a pesar das suas reservas e das suas insuficientes informações, não podem evitar a denuncia do flagelo. Só em Portugal e nos países balcânicos se pode ter ilusões acerca da amplitude da crise. Neste país há províncias inteiras que vêm aumentar a sua emigração por faltas crónicas de trabalho.

Todos os esforços dos capitalistas e dos políticos de toda a espécie, quer reaccionários, quer os mais radicais, têm fracassado diante do flagelo económico do século XX. Apoiemos a nossa demonstração em dados oficiais, ainda que tenhamos a intuição de exprimir pálido e realidade.

Em Itália estavam inscritos, em fins de julho, 78.000 operários sem trabalho. A situação não mostra tendência para melhorar.

Na Rússia, aumenta diariamente o número dos sem-trabalho. Os números dados por 250 bôlsas oficiais noticiavam que estavam inscritos 901.000 operários desempregados em 1925, mas esse número eleva-se, até maio de 1926, a 1.091.000. As percentagens eram assim desproporcionadas: 18,3 para os operários de especialidade, 18 para os intelectuais e 43 para os operários não categorizados. A maior intensidade da crise observa-se em Moscú e em Leningrado.

Os Estados Unidos são os países de maior fama de florescência industrial. O ministério do trabalho informava, em junho último, que 10.004 estabelecimentos pertencendo a 54 indústrias e empregando 2.981.672 operários, havia uma percentagem de 91,3 trabalhadores em actividade.

Tchecoslováquia é outro país de grande actividade industrial. As repartições oficiais de colocação de desempregados acusavam 66.098 inscritos em abril do ano corrente e 68.991 em maio. Os sindicatos operários desmentem estes números, afirmando muito mais vasta a desocupação, pois devem existir cerca de 200.000 operários sem trabalho. As indústrias mais atingidas são as do vidro e textil.

A Bélgica tem fugido mais à crise, se quisermos reconhecer alguma sinceridade nas estatísticas, que acusavam, ultimamente, apenas 10 por cento de desocupados.

A Inglaterra é o estado capitalista mais flagelado. Em fins de junho existiam 1.140.000 trabalhadores desempregados. Apenas estavam inscritos 7.682 pessoas. Na Alemanha, o governo subsidiava em setembro mais de 1.549.000 desocupados. As informações dadas por 40 federações sindicais denunciavam que os seus efectivos ascendiam a 3.398.003 operários dos quais se achavam sem trabalho, no último dia de julho, 599.917 e 563.823 com trabalho reduzido.

A França não sofre uma crise tão violenta em virtude da sua necessidade instantânea de reconstituir o que se arruinou na guerra — cidades e vilas, indústrias e comunicações. Ainda assim, as cifras oficiais, neste país que não subsidia desocupados, anunciavam que nas bôlsas de trabalho se achavam inscritos 7.682 operários desempregados em julho último.

Vejamos agora os números oficiais de outros países:

Austrália — Os sindicatos operários informavam que no segundo trimestre do ano

corrente havia sem trabalho 6, 7 por cento dos seus filiados.

Austria — 137.908 em fins de julho, além de 14.600 subsidiados pelo governo e 20.000 sem subsídio.

No Canadá — 4,1 por cento dos sindicados.

Dinamarca — Os dados oficiais e sindicais acusam a existência de 48.779 operários desempregados.

Holanda — De entre 260.842 inscritos nas caixas de previdência no desemprego havia, em fins de junho último, 16.868 indivíduos.

Hungria — Os sindicatos operários acusam 25.558 operários sem colocação.

Polónia — 282.236 operários sem trabalho inscritos nas bôlsas oficiais.

Outros países: Noruega, 16.658; Suécia, os sindicatos afirmam existir 22.715 desempregados em 238.119 sindicados; Suíça, 11.013 desocupados.

Atenda-se que os números que citamos fazem parte das estatísticas oficiais, que nunca poderão dar referências exactas, e que o número dos desempregados se eleva todas as semanas — e sentir-se-á quanta vastidão dessa crise que se torna, na actualidade, a mais formidável acusação da falência burguesa na administração e provimento das colectividades humanas.

De como quatro inconscientes favorecem a ganância da indústria

GRANDOLA, 20.—Na fábrica de cortiça Bucknall, desta vila, que só tem em laboração uma prensa manual, o pessoal aulera salários irrisórios que não lhe permitiam enfrentar as mais rudimentares despesas. Apresentaram uma reclamação de aumento de salário, recebendo como única resposta o seu despedimento.

O industrial mandou vir quatro homens de Niza que se prestaram a trabalhar 12 e 13 horas, recebendo em troca um salário inferior ao que auferiam os que foram despedidos durante o período de 8 horas. Não estranhámos a ganância dos industriais, posto que estão convencidos de que a inconsciência de certos operários tudo permite. Também não estranhámos que sendo as 8 horas lei do país as autoridades a não façam cumprir.

Como se trata duma lei que regulamenta uma das principais condições de trabalho e pode ser exigida a sua aplicação, iriacercar os fabulosos lucros dos exploradores...

Uma vitória dos tanoeiros de Gaia

VILA NOVA DE GAIA, 19.—Há dois dias que os tanoeiros da casa Calem se encontravam em greve em virtude do respectivo industrial pretender prejudicá-los numa obra.

Como o sr. Calem modificou a sua atitude os operários resolveram retomar o trabalho visto não haver razão para se manter a greve.—C.

O que perde a Inglaterra com uma longa greve

LONDRES, 21.—Segundo uma estatística oficial, em virtude da greve dos mineiros, a Inglaterra perdeu já 108 milhões de dias de trabalho e 250 milhões de libras esterlinas de salários. O rei assinou um decreto prorrogando por mais um mês o estado de circunstâncias excepcionais.—(H.).

«Comité» Pró-presos por Questões Sociais

Reúne hoje, pelas 20 horas, este Comité para tratar de assuntos importantes.

Fabricação de selos no estrangeiro

Realizou-se ontem uma importante sessão magna do pessoal da Casa da Moeda que aprovou um enérgico protesto contra essa pretensão

Reinaram-se mais uma vez os operários da Casa da Moeda para protestar contra a fabricação dos selos feitos no estrangeiro, tendo presidido a esta sessão Pedro Luís de Paula, secretário por Eusebio Mariano e Filipe Rebelo.

Um dos membros da Comissão de Melhoramentos apresentou os trabalhos realizados pela mesma sobre tão grave assunto, expondo ao mesmo tempo qual a resposta de Sua Ex.ª o administrador geral, o que causou profunda impressão em toda a assistência.

Analisou-se tal situação, tendo alguns operários usado da palavra sobre o assunto, demonstrando os meios de acabar com tal situação e as ambições que se movem em volta da Casa da Moeda, indo até ao ponto de se desacreditar infamemente todos os trabalhos ali manufacturados.

Alguns oradores referiram-se à incompetência dos técnicos especializados da Casa da Moeda, os quais nem sempre têm demonstrado competência profissional, o que tem redundado em prejuízo para os operários.

Referiram-se também à má qualidade dos materiais empregados, escarpelizando essa má orientação, afirmando claramente que estando em jogo a sua estabilidade na Casa da Moeda, teriam que desmascarar os indivíduos que a têm desacreditado.

Depois deste assunto ser debatido com bastante calor e ponderada a situação gravíssima que este pessoal atravessa em face da fabricação dos selos feitos no estrangeiro, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Lavar o seu mais veemente protesto contra aqueles que para satisfazer suas ambições pessoais pretendem desacreditar a Casa da Moeda e muito em especial jogando com a situação do pessoal que nesta casa ganha o seu sustento e dos seus.

2.º Tornar responsáveis por qualquer incidente que venha a dar-se aqueles que para satisfazerem interesses ocultos, pretendem arrastar o pessoal da Casa da Moeda para a sua miséria.

3.º Agir por todas as formas ao seu alcance no sentido de se evitar que tal inci-

dente se constate, indo até ao ponto, de se necessário for, desmascarar perante os olhos do público aqueles que sem razão admissível depreciem os trabalhos feitos na Casa da Moeda, só para satisfazerem seus interesses malévols.

4.º Apoiar todos os trabalhos realizados pelo sindicato, por intermédio da sua comissão de melhoramentos, no sentido de obter a que vão por diante os desígnios de tão ferinas criaturas.

5.º Reforçar a representação dirigida pela sua associação de classe ao sr. ministro das Finanças, pois que só sintetizava as aspirações deste pessoal.

6.º Que todos os operários da Casa da Moeda procurem, dentro das suas atribuições profissionais, dedicar o máximo carinho a todos os trabalhos que executem, a fim de desmentir por actos os detractores dos nossos trabalhos.

7.º Continuar a tratar do assunto até que desapareçam as causas que lhe deram motivo, dando para isso todo o apoio à comissão que tem tratado deste melindroso caso, podendo agregar a si todos os elementos que julgar convenientes.

Mais resolveram novamente procurar o sr. administrador geral a fim de lhe expor as aspirações do pessoal e pedir-lhe que as torne conhecidas do sr. ministro das Finanças.

Resolveram também ir junto da imprensa para a pôr ao facto de tudo quanto é passado dentro da Casa da Moeda, especialmente no que diz respeito à fabricação da nova moeda.

Foram tratados ainda outros assuntos, sendo resolvido realizar brevemente outra sessão magna.

Finança eleitoral

LONDRES, 21.—Notícias de Washington dizem que se pensa ali que o manifesto dos banqueiros não deixará de ter efeitos sobre a próxima campanha eleitoral nos Estados Unidos, visto ter sido assinado por Morgan e outros banqueiros americanos, sendo provável que alguns oradores republicanos e democratas dele se ocupem.—(H.).

PROPAGANDA SINDICAL

Realizou-se uma sessão em Graça do Divor

GRAÇA DO DIVOR, 20.—Realizou-se na sede do sindicato dos rurais de Graça do Divor uma sessão de propaganda sindical. Presidiu Matias José de Oliveira secretário Filipe José Justo e Agostinho Peixe.

Usou da palavra, em primeiro lugar, Feliciano Leitão, do Núcleo da Juventude Sindicalista de Évora que pronunciou um violento discurso, fazendo uma crítica cerrada às iniquidades económicas e morais da actual sociedade.

Aconselha todos os trabalhadores a sindicarem-se a fim de resistirem às extorções do inimigo comum: o capitalismo.

Fala em seguida António Tomaz, da Federação Rural, que começa por acentuar que o analfabetismo constitui um dos maiores entraves à obra de emancipação da classe trabalhadora. Ataca largamente os políticos que ludibriam os operários fazendo-lhes promessas que eles não estão dispostos a cumprir. Incita todos os trabalhadores a cumprir o seu dever, robustecendo os seus sindicatos, unindo os baluartes onde podem resistir com eficácia às arremetidas violentas e brutais de todas as tiranias e explorações.

João Alves Barão da U. S. O. de Évora, escapa largamente a sociedade burguesa. Critica largamente o sistema político que mantém de pé a exploração do homem pelo homem e embrutecimento dos trabalhadores. Nesta altura, por proposta de Feliciano Leitão, é aprovada, no meio de grande entusiasmo uma salvação a D. Vitória Pais pela maneira como reagiu no Congresso Pedagógico contra o restabelecimento do ensino religioso.

Por último falou Joaquim Candieira, da Federação Rural, que recordou as lutas sustentadas pelos antigos escravos contra os seus opressores, acentuando que o espírito de velhice constitui uma tradição na história dos oprimidos. Termina apelando para a solidariedade de todos os trabalhadores.

Em seguida foi encerrada a sessão.

O pessoal dos Correios e Telégrafos de Gaia

reclama uma nova organização de serviço, que muito aproveitaria ao público

VILA NOVA DE GAIA, 19.—Veze sem conto o pessoal dos Correios e Telégrafos, mormente os carteiros, em virtude da demora da entrega de correspondência, tem sido acusado de não cumpridor dos seus deveres. Todas as vezes que a entrega de uma carta não se faz no tempo devido sobre o carteiro caem as acusações de uma população.

Ora a verdade é esta: Da deficiente organização de serviço, que determina a demora da correspondência, não é culpado o pessoal. O serviço é péssimo, mas disso é culpada a Direcção Geral dos Correios e Telégrafos.

Para que estas anomalias cessem o pessoal dos Correios e Telégrafos reclamou da Direcção Geral que o serviço de distribuição em Gaia seja subordinado à Central do Porto. Dizem os reclamantes que deste modo se evitaria o transporte de malas da estação dos Caminhos de Ferro de Gaia para a estação postal e da central do Porto para Gaia, serviço que custa ao Estado qualquer coisa parecida com 50\$00 escudos diários.

Além deste inconveniente ainda temos os inconvenientes para o público. Af vão alguns exemplos: a correspondência deixada em Lisboa às 13,30 horas, em Lisboa é entregue ao seu destinatário às 9 horas do dia seguinte. Pois a correspondência que no Porto, a dois passos daqui, seja lançada às 19 horas só do dia seguinte à tarde é que é entregue. Com a nova organização tudo isto se evitaria.

Depois ainda temos este caso a considerar: Gaia é hoje um dos principais centros industriais de tanatoria, indústria que vive da exportação. Sendo como é deficiente o serviço de correios temos para essa indústria uma série de inconvenientes de toda a ordem.

Todos estes argumentos foram postos na exposição que o pessoal dos Correios e Telégrafos entregou à Direcção Geral.

Oxalá que ela saiba compreender o alcance desta nova organização de serviço, porque assim muito lucrará o público.—C.

A desumanidade dos senhores da lavoura

SANTO ALEXO, 20.—E' grande a crise de trabalho nesta localidade, lavrando a fome em dezenas de lares de trabalhadores. Esta crise é provocada, em grande parte, pela avaria de certos lavradores que preferem perder as colheitas a pagar aos trabalhadores salários que não sejam demasiadamente irrisórios.

Nos arredores desta localidade, um lavrador houve que resolveu que os trabalhos de colheita da sua propriedade se iniciassem depois deles terem acabado nas outras fazendas, por entender que havendo nessa altura muitos rurais sem colocação saíria mais barato alugar-lhes os braços. A avaria deste sr. repugnante chegou ao ponto de despedir os trabalhadores a meio da colheita, por achar ainda elevados os irrisórios salários que eles estavam auferindo. Preferiu deitar aos porcos metade da colheita...

Há muitos trabalhos que se encontram paralisados e entre eles a reparação e construção de estradas. A Câmara de Monforte traz meia dúzia de homens a trabalhar num troço de estrada para enganar os incautos, dando-lhes a impressão de que se está trabalhando na execução de melhoramentos imprescindíveis à vida da população do concelho.

A cura das doenças pelas plantas

PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Comissão Administrativa

Reúne-se hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa, para assuntos inadiáveis.

Comunicações

Sindicato Unico Mobiliário. — Comissão Administrativa. — Sente-se este organismo melindrado pela forma como os militantes da indústria em geral correspondem às suas constantes convocações, primando pela sua ausência.

Lamenta que aqueles que se afirmam militantes sejam eles os primeiros a dar o exemplo, fugindo cobardemente, tanto dos cargos para que são nomeados, como do convívio do próprio Sindicato, deixando-nos uma impressão que pouco os dignifica.

Ao mesmo tempo lhes queremos lembrar que se o actual estado de coisas assim continuar, nos vemos na imperiosa necessidade de editar um vibrante manifesto, dirigido à classe, fazendo-lhe sciente qual é a moralidade de tais camaradas, que afirmando-se militantes, esquecem-se das responsabilidades contraídas, votando para tal seu organismo ao mais negro esquecimento, não se lembrando que a frente do Sindicato estão rapazes novos cheios de vontade, mas que infelizmente lhes falta os vastos conhecimentos de organização, a fim de poder dar o devido andamento aos problemas sindicais, que há pendentes para resolver.

Esperamos que não será preciso, de novo vir a campo, e que os camaradas saibam corresponder a este nosso apelo, vindo até nós, na próxima assembleia que se realiza amanhã, pela 20,30 horas.

Federação dos Operários do Ramo da Alimentação. — Pelas 20 horas a comissão executiva para dar início às resoluções do 1.º congresso: Apreciar o estado em que se encontram alguns sindicatos, tais como os dos Manipuladores de Farinhas, Massas e Bolachas, Mecânicos de Açúcar, Refinadores de Açúcar, (Mannais); estudar as possibilidades de se organizar o pessoal da Companhia das Águas, e apreciar o conflito existente no Sindicato dos Confeiteiros, Pasteleiros, Chocolateiros e Anexos de Lisboa.

A sede provisória da Federação é na calçada Castelo Branco Saravia, 42, 1.º, onde deve ser enviada toda a correspondência.

—Convida-se qualquer membro da direcção da Associação de Classe dos Manipuladores de Farinhas, Massas e Bolachas, a comparecer hoje pelas 20 horas, na sede desta Federação calçada Castelo Branco Saravia, 42, 1.º para tratar dum assunto da máxima importância.

Federação Metalúrgica. — Reunião o Conselho Federal na passada terça-feira estando representados os seguintes organismos:

Lisboa, Aljustrel, Portimão, Faro, Rio Meão, Marinha Grande, Covilhã e Crestuma.

Foi lido o expediente que constava de um offico acreditando o camarada José Lopes como delegado do S. U. Metalúrgico de Lisboa a este Conselho, sendo aceite; offico da Liga de Instrução Educativa convidando a Federação a fazer-se representar na sessão solene que esta liga efectua pela abertura das aulas, sendo nomeado o camarada Quirino Moreira.

O delegado de Aljustrel diz ter conhecimento de que foi enviada à esta Federação o relatório do delegado da Federação de Calçado, Couros e Peles ao Conselho Confederal. O secretário geral interno da C. A. da Federação, diz que a Comissão não apresenta ao Conselho esse relatório porque ainda o não apreciou. O delegado de Aljustrel diz que a F. M. é violentamente atacada e terá que se manifestar pela forma como está redigido o dito relatório.

Foi deliberado que o referido relatório entrasse na ordem dos trabalhos.

Discutem-se a seguir o 1.º número da ordem dos trabalhos: Bases para a constituição duma comissão Federal Pró-Metalúrgico o que é aprovado com pequenas alterações, sendo nomeada para a comissão os seguintes camaradas: António da Graça e António Vicente, aguardando nova reunião do Conselho para ser agregado outro elemento.

Foi deliberado que a comissão dê já início aos seus trabalhos.

Seguem-se um offico do Comité Federal do Norte e offico do Sindicato Unico Metalúrgico do Porto, sendo resolvido que baixasse à nova reunião do Conselho devido ao adiamento da hora.

Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa. — A assembleia geral deste Sindicato reuniu ontem, com a presidência de Manuel Maria de Sousa, secretário por Valadas Ramos e José Pinheiro, tendo apreciado a circular da Câmara Sindical do Trabalho sobre o congresso operário, tendo sido nomeados António de Sousa, Eduardo Jorge e João Moura, para delegados ao referido congresso e consequentemente, delegados ao futuro conselho da Câmara, e para cargos vagos na Comissão de Melhoramentos, João Cândido da Silva, Manuel Gonçalves Reis, Joaquim Soares Costa e Alfredo Augusto Gomes; tendo-se aprovado a constituição da Caixa de Instrução e Previdência dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, a qual fica com poderes para subsidiar os sócios quando desempregados, doentes ou presos, auxiliar as pessoas de família dos sócios quando faleçam e manter aulas de instrução primária, contabilidade, línguas, etc., facultativos a todos os sindicados no S. E. C. I. L. sócios ou não da Caixa, sendo esta emenda apresentada por Virgílio de Sousa.

O capítulo 1.º foi aprovado ficando a discussão dos restantes capítulos para nova assembleia que continua hoje, pelas 21 horas. A assembleia aprovou um voto de sentença, pelo bomboeiro do Porto, tendo-se resolvido officar à Federação dos Bombeiros dando-lhe comunicação desta resolução.

A deportação do militante ferroviário Miguel Correia mereceu a repulsa desta assembleia, tendo ela aprovado um protesto contra semelhante infâmia. A assembleia aprovou este documento manifestou-se com vivas à Liberdade.

Convocações

REUNEM HOJE

Federação Mobiliária. — Conselho federal. — Pelas 20 horas, com a ordem de trabalhos anteriormente publicada.

S. U. Mobiliário. — Pelas 20,30 horas, em assembleia geral, para continuação dos trabalhos pendentes.

S. U. Metalúrgico. — A's 20 horas a comissão administrativa para um assunto urgente.

Litógrafos e Anexos. — A comissão administrativa, pelas 19 horas prefixa para tratar dos trabalhos pendentes e outros da máxima importância para a classe, sendo por este motivo conveniente a presença de todos os componentes desta comissão, com os delegados das oficinas.

A' mesma hora a comissão de Educação e Propaganda.

Corticeiros de Lisboa. — A assembleia geral, pelas 20 horas, na sede sindical, rua de Marvila, 57, 1.º, para tratar da seguinte ordem de trabalhos: Eleição do fiscal para o mês de Novembro e outros assuntos de interesse para a classe.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — As direcções dos Sindicatos Gráficos de Lisboa, juntamente com a comissão de organização e secretariado, às 21 horas.

Compositores Tipográficos. — Pelas 18 horas, extraordinariamente, a direcção, para assuntos de classe.

Pintores da Construção Naval e Anexos. — Pelas 20 horas a direcção para tratar de assuntos de grande importância.

Solidariedade

Em favor dos presos sociais

Promovida por um grupo de camaradas de acordo com o comité pró-presos, realiza-se uma festa no próximo dia 23, pelas 21 horas, na Secção Sindical da Construção Civil de Palma, em auxílio dos presos por questões sociais.

A comissão dirige-se a todos os camaradas conscientes para que adquiram os bilhetes para esta festa, pois só assim provarão que não deixam ver prolongado o sofrimento daquelas vítimas do ódio burguês.

O programa da festa é o seguinte:
1.ª parte. — Palestra por Emílio Santana.
2.ª parte. — O drama em 3 actos «Jogos de luva branca», da autoria de Jorge Teixeira.

O seu desempenho está a cargo do Grupo Solidariedade Operária, que prontamente cedeu ao convite que lhe foi feito.

3.ª parte. — Canção nacional por um grupo de cultivadores da mesma, acompanhados por exímios tocadores.

Pró-Casimiro Firmino

O jovem militante Casimiro Firmino, que uma peritosa doença conserva num catre do hospital há cerca de dois anos, encontra-se numa situação bastante delicada. A doença tem-lhe consumido as suas parcas economias, razão por que a sua situação se torna dia a dia pior.

Por esse motivo a comissão promotora da quele semanal está enviando os seus esforços para que o número de contribuintes aumente de forma a poder entregar ao enfermo a verba de que ele necessita para manter-se.

Todos os camaradas e amigos de Casimiro Firmino devem auxiliar o esforço desta comissão inscrevendo-se nos boletins de contribuição semanal que estão expostos na sede do Sindicato Unico Mobiliário, travessa da Agua de Flor, 16, 1.º.

Para a compra de uma bandeira sindical

Promovida pela direcção da Associação dos Corticeiros de Lisboa, realiza-se no dia 14 de Novembro, às 14 horas, uma grandiosa festa na Sociedade Musical 3 de Agosto de 1895 para a compra de uma bandeira para o organismo promotor.

O programa dessa festa é o seguinte:
1.ª parte: Conferência pelo camarada Vergílio de Sousa sob o tema «Organização proletária e organização patronal».

2.ª parte: Canção nacional pelos cultivadores José Correia, Luís Prazeres, José Barros e A. Marques.

3.ª parte: Canção do Tejo pela amadora D. Olívia Leitão.

4.ª parte: Canção nacional pelos cultivadores José Caetano, J. de Sousa, J. Ferreira, Isidoro Abel, sendo os acompanhamentos feitos pelo guitarrista António Soares e seu filho Manuel Sol.

Nos intervalos será rifado um quadro de cortiça.

INSTRUÇÃO

Universidade Livre do Porto

Tem despertado um grande e justificado interesse a notícia de que esta Universidade vai no fim deste mês abrir uma escola para ensino gratuito com as seguintes secções:

1.ª Instrução primária. 2